

**4ª PARTE**

---

**Discursos**

## SAUDANDO GERALDO FONTENELLE\*

Artur Eduardo Benevides

Caberia ao nosso venerando Colega Luís Sucupira, que atinge, em 1991, a glória dos noventa anos, colhendo a gratidão e o respeito do povo cearense, o privilégio de receber, em nome da Academia, o Escritor Geraldo Fontenelle, que vem ocupar a vaga deixada pelo inesquecível Antônio Girão Barroso, adormecido em Cristo, mas desperto, para sempre, nas varandas de luz de nossa saudade. Problemas de saúde, contudo, impediram que tal ocorresse, cabendo a mim, quase de última hora, por deliberação do presidente Cláudio Martins, a incumbência de transmitir ao novel Acadêmico o fraterno saudar de seus Pares, com a convicção de que, se perdemos um grande poeta, ganhamos, em contrapartida, um brilhante humanista, que haverá de demonstrar, aqui, sua sólida cultura.

Creio não exagerar quanto ao seu merecimento como intelectual diligente e prestante, que representa, entre nós, aquela condição de **scholar**, que os ingleses conferem às pessoas eruditas e conhecedoras da Literatura Clássica. Ouvi-lhe um discurso, certa vez, na Academia de Retórica, e guardei excelente impressão de suas imagens sóbrias e felizes, que entremostravam uma inteligência formada em contacto com os melhores autores do mundo, do Ulisses de Homero ao **Ulisses** de Joyce, do **Édipo** de Sófocles ao **Fausto** de Goethe, das estrofes virgilianas ao **Cantares** de Ezra Pound, ou do pensamento de Aristóteles às idéias de Gabriel Marcel e Jacques Maritain.

O verdadeiro intelectual, para chegar à plenitude de seu **munus**, terá que possuir talento e cultura, entendida, esta, como acumulação de saber e dedicação às letras e às artes, que engrandeceram a sociedade humana e deram expressão espiritual aos povos, ao longo da História. Afinal, como escreveu Machado, quando, no futuro, já não existir a Inglaterra, ainda haverá Shakespeare.

---

\* Oração proferida na Academia Cearense de Letras, no dia 10 de abril de 1991, na recepção ao novo Acadêmico-Escritor Geraldo Fontenelle.

Qualquer escritor digno desse nome deve conhecer o principal da obra de um Camões e de um Cervantes, de um Flaubert e de um Walt Whitman, de um Unamuno e de um Kierkgaard, lendo, com o mesmo interesse, o lirismo trovadoresco de D. Diniz e a gravidade interpretativa dos poemas de um Jorge Luís Borges, de um Fernando Pessoa, de um Hoelderlin, de um Eliot, de um Rilke. Isso, a meu ver, é condição **sine qua** para ingresso numa Casa como esta, de tantas ressonâncias no tempo e de glórias legítimas e perduráveis.

Não se exige de ninguém, para ser considerado culto, que conheça todas as cousas e haja lido todos os livros. Como assinala John Macy, na sua **História da Literatura**, esse ser ideal não existe. Mas, não se pode aceitar como tal alguém que desconheça o **Banquete**, de Platão; as parábolas evangélicas; os **Salmos** de David; o **Cântico dos Cânticos**, de Salomão; e o **Apocalipse**, de São João; os mitos gregos; as lendas árabes; as grandes fábulas e sagas; os poemas épicos; o teatro de Molière, de Bertold Brecht e de Eugene, O' Neill; os pensamentos, por vezes surpreendentes, de Zaratustra, em Nietzsche; ou o **Lazarillo de Tormes**; os belos sonetos de Petrarca, Ronsard e Elisabeth Barret — Browning feitos com a juventude perene do amor; algumas hagiografias, sobretudo as de São Francisco de Assis e Santa Tereza d'Ávila; os romances místico-heróicos que tratam da procura do Santo Graal e das aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda; ou o **Decamerão**, de Bocaccio; e a literatura do absurdo, de Kafka; o erotismo de Lawrence de Florbela Espanca; os **Fragmentos**, de Novalis; **A la recherche du tempos perdu**, de Marcel Proust; as lições, por vezes sábias e por vezes astutas, do **Príncipe**, de Maquiavel; e a prosa de um Machado, de um Eça, de um Faulkner, de um Guimarães Rosa, de uma Marguerite Yourcenar, de uma Katherine Mansfield. A cultura, sempre exigente e seletiva, pede-nos que conheçamos o que possível for de um Tolstói, de um Dostoivesky, de um Tchekov, de um André Gide, de um Thomas Mann, de um Mauriac, de um Claudel, de um Ibsen, de um Ilautrémont, de um Laforgue, de um Saint-John Perse, de um Leopold Senghor, de um Péguy, de um Gabriel Garcia Marques, de um Ernesto Sábato, ou dos autores da ficção de 30, no Brasil, destacando-se os nomes que fizeram o Romance do Nordeste. Como dizer que conheço a poesia brasileira se não houver lido os versos que vão de Tomaz Antônio Gonzaga e Augusto Frederico Schmidt e Carlos Drummond de Andrade, passando pelo sensualismo de Bilac, pelo espiritualismo de Alphonsus de Guimaraens, pelo helenismo de Raul de Leoni, pelo cientificismo de

Augusto dos Anjos, pelo universalismo de Cecília Meireles, pelo memorialismo de Manuel Bandeira ou pela vastidão oceânica de **uma Invenção de Orfeu**, de Jorge de Lima? E sem cultura literária e filosófica não se chega a lugar nenhum, na área do espírito, em que amor e esperança caminham de mãos dadas em busca da luz.

Daí minha alegria em saudar Geraldo Fontenelle, que alia aos seus méritos literários apreciável cultura humanística, tomada, aqui, a palavra humanismo em duplo conceito: o de amor ao classicismo e à Renascença e o de síntese das ideologias que procuram salvar o homem nesta era de tanta ciência e tão pouca consciência, em que se sente, mais do que nunca, a instabilidade das coisas terrenas e o afastamento do ser de suas fontes e caminhos mais autênticos.

Como ensaísta, cronista e ficcionista, o ilustre recipiendário desta noite já nos deu trabalhos da melhor feita, merecendo elogios do Conselho Estadual de Cultura e de escritores e críticos consagrados.

A ficção, nele, não é arte de noviço, ou exercício de salto sobre o abismo, mas uma tentativa de recriação do homem e do mundo, do tempo e da vida, dentro de uma temática marcada por aquela **condition humaine** destacada por Montaigne, em linguagem expressiva e estilo leve. E oportuno é lembrar que o estilo prende-se, antes de mais nada, à cosmovisão do escritor e do artista, na reelaboração do real e do imaginário através da linguagem, essa cousa tão poderosa que Heidegger chamou de "morada do ser".

Literatura não se faz apenas com palavras, mas também com intenções, dissimulações e segredos; com os arquétipos do Inconsciente Coletivo; com o hermetismo dos sonhos e das ambigüidades; ou com a visão do sagrado e do profano, do efêmero e do eterno. Literatura é texto, escritura, mensagem, mimese, testemunho, julgamento, tensão, intuição, catarse, iluminação e criação de uma supra-realidade. É o diálogo das sombras; a dança solitária das Musas; a transfiguração das metáforas; o vôo dos últimos Anjos alcançados por nossa consciência; ou a inesperada chegada do Demônio, a sussurar aos ouvidos da alma os convites do abismo. Literatura é Hamlet, no monólogo eterno; é o desespero de Fausto; o derradeiro olhar de Narciso, antes de mergulhar para sempre, não no fundo do lago, mas em nós; ou a história dos epitáfios que encontramos nas estradas de nossa solidão, enquanto tentamos entender o poder silencioso da Mulher Amada, que está sempre a chegar e a iluminar a nossa vida. Literatura, em seu **continuum**, é sangue, olhar e gesto, como lemos em Rilke. É força dionisiaca, paixão, sofrimento, ciúme e morte. É a

grande ópera do tempo, traduzindo o **Weltschmerz** do final de cada século, e a nossa prolongada **douleur de vivre**. Ou o homem com sua circunstância, para lembrar Ortega y Gasset. O ser humano flagrado em sua **selva selvaggia**, para repetir Dante. Ou aquela **enfance retrouvée**, da lição de Baudelaire. É a misteriosa fonte hoelderliniana.

Literatura é o grande receptáculo das lágrimas que não foram choradas, ou dos silêncios em que poderiam estar, sufocados, todos os nossos gritos. É um **Fiat** incessante. E está escrito, no **Eclesiastes**, que fazer livros não tem fim. Fazer livros, direi - e di-lo-á o ilustre recipiendário -, para fixar, nos murais do eterno, o espírito humano, na busca inconsciente da Fonte da Juventude, do Paraíso Perdido, da Porta Estreita, da Terra de Canaã, da Ilha dos Amoras, de Pasárgada, de Avalon, de Ofir, de Alcácer-Quibir, do Mar de Tiberíades, da Ponte de San Luís-Rey, dos caminhos de Swann, das veredas do Grande Sertão, do Castelo de Duino, da montanha de Xangri-La, da Estrada de Damasco, ou da Última Corrida de Touros em Salvaterra.

Com essa consciência do fenômeno literário, Geraldo Fontenelle cria a sua prosa de ficção, sem esquecer, igualmente, o ensaio, a crônica, o artigo de jornal, a oratória. Na ficção, porém, reside o **punctun salien** de sua produção e, dentro dessa, **O Porto Cinzento** (novela) e **Os Castiçais dos Mortos**, em que o capítulo intitulado "O Segredo Revelado" parece constituir a peça principal de um gênero que se acha em ascensão, em sua obra, para chegar ao ponto pretendido pelo autor. E não poderia deixar de mencionar, no conjunto de seus livros, as **Notas do Caderno de um Repórter**, **As Estrelas Brilham Também durante o Dia** e **Idéias - ação e atualização**.

Tudo isso, além de sua condição de conferencista exímio, justifica a sua eleição para a vaga aberta com o desaparecimento de Antônio Girão Barroso, talvez a última encarnação de Dom Quixote, poeta tanto na obra quanto na vida e que percorreu este "vale de lágrimas" em permanente estado de lirismo, amado por todos aqueles que fazem da Poesia uma razão de existência. Disse, aliás, em soneto, logo após a sua viagem para o infinito, que, mesmo com espírito boêmio, ele foi quase um santo. Um santo da Poesia, a caminhar, com leveza de pétalas, em nosso interminável recordar.

Foi ele — Girão — meu mestre d'armas e professor da Poesia, "na doce paz azul" de seus poemas, quem me ensinou ser a Literatura muito mais monumento do que documento; muito mais conteúdo do que forma; arte, difícil, que enaltece o talento e sepulta a mediocridade. Literatura é carga sensorial de vocábulos; descante de coitas

e de **ricordanza**; **anagnórise**; **flashback**; expressão oracular da alma; clímax verbal e imagético; uma ponte para o tempo e para o fantástico; uma **tour d'ivoire**; o **sense of humor** verbalizando o inconsciente; ou a alquimia das cousas essenciais.

Através dele e das lunetas argêntas da fé, será possível ver, ainda, o espírito de Deus andando sobre as águas. Ou os dragões, elfos, gnomos e duendes, para não perder sua verdade ameaçada pela cegueira do real, esconderam-se na Literatura Infantil, pois pertencem à Infância do mundo, a que serão devolvidos no final dos tempos. Mas, é certo: daqui a pouco, com a destruição das florestas e dos rios, os pássaros só existirão nos versos dos poetas, pois o homem, **sous le soleil de Satan**, esqueceu a profunda lição de Amiel: "reserva em tua alma um lugar para o hóspede que não esperas e um altar para o deus que não conheces". Entretanto, como acentua Ascendino Leite, "temos sede de milagres". E só esperamos que nossos sonhos não sejam totalmente devorados pelo furor dos pesadelos. E fique alguma luz em nós, para que, de mãos dadas com a Amada, nos apresentemos diante do Trono Resplandecente, dizendo, com o mesmo fervor de Santo Ambrósio:

**Te Deum laudamus; te Dominum confitemur.**

**Te aeternam Patrem omnis terra veneratur.**

**Tibi omnes Angeli, tibi coeli et universae Potestates;**

**Tibi Cherubim et Seraphim incessabili voce proclamant;**

**Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth.**

Ou isso, ou o triunfo da Noite. E a Noite, ensinou San Juan de la Cruz, "é a privação do gosto no apetite de todas as cousas". Oh, a grande e terrível Noite nas almas, mais densa, talvez, do que a cósmica, quando é possível deixarmos de ter em nós as sementes de luz da canção, para nos tornarmos aquela lúgubre cantochão que Hoelderlin mencionou, na fase da loucura, num de seus memoráveis poemas!

Por isso, lembrando Antônio Girão Barroso, recordamos, como-vídeos, um pouco da bondade, da ingenuidade e da grandeza de coração desse nosso irmão que, no Dia do Juízo, estará, sem dúvida, à direita de Deus, ofertando rosas e não versos... Ou versos, que são rosas...

Caro Escritor Geraldo Fontenelle:

Não me cabe aqui e agora, examinar criticamente a obra literária com que vos apresentais, confiante, ao público brasileiro. Minha missão, nesta noite, é transmitir-vos as saudações da mais antiga Academia de Letras do Brasil, que vos escolheu por acreditar nas potencia-

lidades de vossa inteligência e visão do mundo, sempre a serviço da cultura humanística.

Mesmo não fazendo crítica, porém, não pude fugir àquela “tentação do louvor”, referido por Santo Agostinho, pois vos tenho, igualmente, como amigo dileto, admirando o valor que sempre demonstrastes em vossos caminhos existenciais. É-me grato confessar haver sido um dos que se empenharam por vosso ingresso em nossa gloriosa Instituição. E estou feliz. A Academia se enriquece com o brilho que trazeis em vossa alma, apanhado nas fontes clássicas da sabedoria universal e fiel ao pensamento cristão.

Esta Casa, de há muito, já é vossa. E os corações vos acolhem com a fraternidade de velhos companheiros que se reencontram para alegrar os sonhos e rejuvenescer a vida, acreditando nos ideais que atravessam séculos para aproximar o homem das cousas eternas.

Vinde ajudar-nos em nosso trabalho de valorização humanística. Levia-tã já ameaça os portões da Grande Babilônia. E a hora é de oração e de poesia. Os tecnocratas, os fanáticos e os guerreiros levaram o mundo à exaustão de suas mais caras esperanças. E só nos cabe tentar conter a demoníaca destruição de valores e o desrespeito ao ser humano, como ocorre agora, sobretudo na Televisão preservando, por outro lado, a nossa Língua, que Bilac chamou de **última flor do Lácio**, e José Albano considerou **dulcíssima e canora**, tendo, Fernando Pessoa escrito: — **A minha pátria é a Língua Portuguesa**.

E a tarefa é ingente e urgente, antes que estejamos a falar um mísero cassanja, cheia de anacolutos, de plebeismos e erros de concordância e de regência, num momento de extrema penúria intelectual para o País, em que muitas pessoas, investidas em autoridade, estão a necessitar de imperiosa reciclagem gramatical.

Talvez sejamos por demais românticos ao sonhar em melhorar o mundo. Mas, a omissão e o absentismo não conduzem a nada. E todas as cousas belas foram produtos de um sonho inicial, inclusive a grande Obra da Criação.

Acreditando, pois, em vossa prestimosa cooperação, a Academia vos saúda, jubilosamente, dizendo-vos: sede bem-vindo!